

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

BRUNA DE OLIVEIRA LIMA

CAMINHOS PEDAGÓGICOS ENTRE A SALA DE AULA E O MUSEU

Brasília

2024

BRUNA DE OLIVEIRA LIMA

Caminhos pedagógicos entre a sala de aula e o museu

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Paulo Sérgio de Andrade Bareicha
Prof. Dr. Orientador

Brasília
2024

Esta folha destina-se à inserção da **FICHA CATALOGRÁFICA** que o autor receberá após as correções do trabalho pela biblioteca. Para a construção da ficha o(a) autor(a) deverá entrar no site da biblioteca pelo link <https://bce.unb.br/elaboracao-de-fichas-catalograficas/>

MEMORIAL

A minha vida escolar começou em 2004, em uma escola localizada na Asa Sul, minha mãe me deixou na porta de uma sala de aula com pessoas completamente desconhecidas e o medo do incerto era algo inevitável, foi um dia memorável. Lembro do aconchego que a professora me passou assim que me recebeu e de alguma maneira inexplicável lembro até mesmo do perfume que ela estava usando. Guardo boas lembranças dessa época, as amizades que me acompanharam até o ensino médio, os aprendizados, as brincadeiras, as professoras que me inspiraram para seguir a profissão e até mesmo os pequenos conflitos. Em 2010 cursando o 5º ano tive minha primeira experiência com a tão temida recuperação de matemática, meus finais de semana ficaram completamente voltados para a avaliação, lembro de ajudar minha avó no almoço de domingo com o caderno do lado. Os anos foram se passando, novas amizades se fortalecendo, novas professoras e os conteúdos cada vez mais intensos. Em 2011 comecei o ensino fundamental II, a mudança de rotina, poder usar caneta nos registros, um professor para cada matéria, tudo isso era muito divertido, mas a rotina de estudos também precisava ser modificada e confesso que não era algo que me agradava muito. Por sempre ter o sonho de ser professora, foi nesse período que conheci a professora Viviane de ciências, suas aulas eram sempre diferentes e divertidas e isso me motivava a estudar mais e me inspirava para seguir uma carreira assim. Em 2015 comecei o ensino médio e a conhecer de fato o que seria uma universidade, a correria para estudar para o vestibular, as provas semanais, tudo era muito corrido.

Janeiro de 2018 saiu o resultado do PAS 3, o medo me consumia e já não tinha coragem de abrir o site para sequer olhar o resultado, foi então que no início da noite, por mensagem, meu primo me parabenizou pela aprovação. Imaginei que fosse uma brincadeira até que criei coragem e abri o resultado e eu realmente tinha conseguido a minha aprovação na Universidade de Brasília. Comecei a cursar apenas no segundo semestre de 2018. Em 2019 já comecei o estágio e me sentia completamente realizada com a escolha da profissão e destaco um dos projetos que mostrou onde podemos auxiliar os professores na criação de novas experiências dentro de sala, o projeto GEPFAPE, projeto de extensão com o objetivo de auxiliar no trabalho pedagógico de professores da Escola Classe 831 de Samambaia. Onde era possível trazer ideias de novas experiências para os professores, abrindo um leque de possibilidades fora de sala de aula.

No início do curso eu temia a educação de jovens e adultos, não acreditava que seria o meu perfil até que realizamos nossa primeira saída à campo e por se tratar de uma matéria noturna, fomos para uma escola da EJA. Ali me apaixonei, percebi que a pedagogia é encantadora em todas as faixas etárias. Em 2020 enfrentamos a pandemia, um momento muito delicado e de bastante atenção, nesse mesmo ano meu pai teve sérios problemas de saúde e por ele morar em outro estado precisei pegar a estrada com minhas irmãs e ir ajudá-lo. Em 2021 as coisas já estavam voltando ao normal, continuei pegando algumas matérias EAD e seguindo a grade horária, nesse ano passei por muitos problemas familiares e de saúde o que me afetaram a terminar com excelência todas as matérias que tinha solicitado. Em 2022 um novo semestre se inicia e junto com ele descobri minha primeira gestação e mais uma vez todos os planos teriam que ser modificados. Em 2023 continuou a graduação de maneira EAD devido a licença maternidade. Só no início de 2024 começo o término da minha faculdade e a busca de abordar um tema que traga uma reflexão aos futuros pedagogos.

Pensando nisso, resolvi juntar a saída à campo com metodologias para aproximar a sala de aula com o ambiente externo. Trazendo para dentro da sala um espaço onde pulsa a vida, que tudo se torne atraente, poética ou produtora artística, criadora de outras visualidades.

RESUMO

Este artigo discute a importância de integrar o espaço da sala de aula com o ambiente externo, especialmente aos museus, como uma estratégia pedagógica incluyente. Como pesquisa, o trabalho explora as dificuldades e os benefícios de se utilizar museus como equipamentos no processo educacional, destacando sua relevância para o desenvolvimento estético e intelectual dos alunos. Partindo de experiências pessoais (memorial) são identificadas metodologias pedagógicas que podem ser aplicadas em visitas e são analisadas as formas de interação dos estudantes com artefatos culturais salientando a potência inovadora da estratégia pedagógica. O museu é apresentado como espaço de aprendizagem complementar, que oferece novas perspectivas interdisciplinar e promove um ambiente de investigação e descoberta. Através da observação crítica, destaca-se a contribuição da atividade para a construção de saberes e para o desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais. Finalmente são abordadas as funções “informais” dos museus na formação complementar, sugerindo que este aprendizado pode acompanhar o estudante no futuro, tornando-o frequentador desse espaço onde pulsa a cultura.

Palavras-chaves: Educação, museus, pedagogia, aprendizagem interdisciplinar, metodologias educativas.

ABSTRACT

This article discusses the importance of integrating the classroom space with the external environment, especially museums, as an inclusive pedagogical strategy. As a research, the work explores the difficulties and benefits of using museums as equipment in the educational process, highlighting their relevance for the aesthetic and intellectual development of students. Starting from personal experiences (memorial), pedagogical methodologies are identified that can be applied in visits and forms of interaction of students with cultural artifacts are analyzed, highlighting the innovative power of the pedagogical strategy. The museum is presented as a space for complementary learning, which offers new interdisciplinary perspectives and fosters an environment of inquiry and discovery. Through critical observation, the contribution of the activity to the construction of knowledge and to the development of cognitive and socio-emotional skills is highlighted. Finally, the "informal" functions of museums in complementary education are addressed, suggesting that this learning can accompany the student in the future, making him a frequent visitor to this space where culture pulsates.

Keywords: Education, museums, pedagogy, interdisciplinary learning, educational methodologies.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Objetivos do trabalho.....	9
2 O caráter educativo nas instituições museal	11
3 Práticas educativas do ambiente	13
Metodologias de aproximação de sala de aula e Museu.....	14
A visitação	1Error! Bookmark not defined.
Mediação cultural.....	1Error! Bookmark not defined.
Curadoria e narrativa.....	1Error! Bookmark not defined.
Na volta à aula.....	16
Educação museológicas e tecnológicas	19
Museologia crítica e nova museologia	20
Educação e Museu contemporâneo	22
Legislação e Políticas para Museus.....	22
4 CONCLUSÃO	23
REFERÊNCIAS.....	26

Introdução

Este artigo tem como objetivo demonstrar a importância de integrar o espaço da sala de aula com ambientes externos, especialmente os museus, como uma estratégia pedagógica eficaz. O estudo busca explorar as abordagens e desafios enfrentados ao utilizar esses espaços no processo educacional, identificando metodologias aplicáveis para visitas a museus e analisando como a interação dos alunos com artefatos culturais contribui para o aprendizado. Conforme discutido por Sily (2012), os museus têm historicamente desempenhado um papel importante na educação, oferecendo novas perspectivas que ampliam a experiência pedagógica para além da sala de aula.

O uso de museus no processo de ensino-aprendizagem tem o potencial de enriquecer o desenvolvimento intelectual e crítico dos estudantes. Valente (2003) destaca que os museus não apenas preservam e exibem artefatos culturais, mas também exercem um papel educativo essencial, contribuindo para a formação cívica e cultural dos visitantes. Ao interagir com objetos históricos, os alunos podem conectar teoria e prática, reforçando uma compreensão interdisciplinar dos conteúdos abordados em sala de aula. Esse processo de aprendizagem é facilitado pela observação crítica e o estímulo à reflexão, promovendo competências cognitivas e socioemocionais.

Este estudo é fruto de minha pesquisa acadêmica ao longo da formação em Pedagogia, onde comecei a perceber que as visitas escolares a museus eram tratadas de forma superficial, sem uma conexão clara com os conteúdos curriculares. Freire (1969) já enfatizava a importância de transformar experiências educacionais em práticas humanizadoras, e os museus podem desempenhar um papel fundamental nesse processo, permitindo que o aluno faça uma "leitura do mundo" através da observação dos artefatos culturais. Este artigo propõe discutir e demonstrar propostas pedagógicas para um melhor aproveitamento das visitas podendo ser melhor integradas ao currículo escolar, ampliando as possibilidades de aprendizagem significativa.

Os museus, como ressaltado por Rússio (1974), podem ser considerados instituições essenciais na educação não formal, ao permitir que os alunos experimentem novas abordagens pedagógicas que vão além da instrução tradicional. Em vez de restringir o aprendizado às paredes da sala de aula, o uso desses espaços externos promove um ambiente de investigação e descoberta. Hall (2005) sugere que, em um mundo cada vez mais globalizado e mutável, a interação com a cultura através de museus ajuda a moldar identidades críticas e reflexivas, essenciais para a formação cidadã.

Por fim, este trabalho pretende evidenciar como os museus não apenas complementam o aprendizado formal, mas também promovem a formação de cidadãos críticos e engajados. A interação direta com objetos culturais oferece aos alunos uma oportunidade de conectar-se de maneira mais profunda com o conhecimento, transcendendo os conteúdos teóricos apresentados em sala de aula. Assim, como apontam Sily (2012) e Valente (2003), os museus são essenciais para a construção de saberes interdisciplinares, beneficiando tanto alunos do ensino básico quanto superior.

História dos museus

Antes de adentrarmos nos temas propostos, é importante revisitar a história dos museus e seu surgimento. Os primeiros indícios de museus como conhecemos hoje remontam ao Renascimento, período de grande efervescência cultural, intelectual e artística que ocorreu nos séculos XIV, XV e XVI. Esse movimento trouxe a redescoberta de obras clássicas, incluindo textos filosóficos, científicos e literários, que haviam sido em grande parte esquecidos durante a Idade Média. Segundo Valente (2003), o Renascimento inspirou o interesse humanístico, promovendo a valorização do indivíduo e incentivando uma compreensão mais profunda da natureza e do potencial humano. Artistas renomados como Leonardo da Vinci, Michelangelo, Rafael e Botticelli produziram algumas das obras mais icônicas da história da arte durante esse período.

Durante o Renascimento, colecionadores começaram a reunir obras de arte, esculturas, artefatos arqueológicos e objetos científicos. Como observa Sily (2012), surgiram os primeiros estabelecimentos conhecidos como "gabinetes de curiosidades", onde eram exibidas coleções de objetos trazidos de diferentes partes do mundo, com o intuito de promover o conhecimento e a exploração. Esses gabinetes são precursores do conceito de museu moderno, que evoluiu ao longo dos séculos.

Um dos primeiros museus públicos conhecidos foi o Museu Capitolino, fundado em Roma pelo Papa Sisto IV, que exibiu uma vasta coleção de antiguidades romanas e gregas. A ideia dos museus como espaços voltados para a educação, preservação e exibição de objetos culturais e científicos começou a se espalhar. No século XVIII, em 1756, foi inaugurado o Museu Britânico, em Londres, que abriu suas portas ao público, apresentando uma grande coleção de artefatos culturais de várias partes do mundo. A Galeria Uffizi, na Itália, é considerada a galeria mais antiga do mundo, inaugurada em 1765, inicialmente para abrigar escritórios administrativos. O Louvre, inaugurado em 1793 durante a Revolução Francesa, foi

originalmente uma fortaleza e residência real, mas foi transformado em museu público sob a liderança do governo revolucionário (Sily, 2012).

Conforme Rússio (1974) aponta, o museu, ao longo do tempo, passou a ser visto não apenas como um local de exibição, mas também como uma instituição educativa, com papel central na formação cultural das sociedades. Um exemplo disso é o Smithsonian Institution, fundado em 1846 nos Estados Unidos, que se estabeleceu como um complexo de museus e instituições de pesquisa com o objetivo de educar e promover o conhecimento científico e cultural. Essa expansão dos museus como espaços educativos destaca o papel essencial dessas instituições na construção de identidades culturais e sociais, como sugerido por Hall (2005).

Funções Sociais e Políticas dos Museus

Os museus, ao longo da história, desempenharam funções que transcendem a mera preservação de objetos culturais, atuando como instrumentos de poder cultural e político. Segundo Sily (2012), a criação do Museu Nacional, em 1818, no Brasil, refletia não apenas o interesse científico, mas também um esforço do governo imperial de afirmar sua soberania e modernidade. Dessa forma, os museus foram utilizados para consolidar uma narrativa oficial que reforçava o poder do Estado e promovia uma visão hegemônica de progresso e civilização. Esse uso político dos museus não se restringe ao Brasil, sendo comum em diversas nações onde as coleções exibiam o poder imperial e a superioridade cultural de suas elites governantes.

As coleções de museus, especialmente na Europa, frequentemente serviram como afirmação da supremacia colonial. Valente (2003) observa que a exibição de artefatos provenientes das colônias europeias em museus como o Museu Britânico e o Louvre não apenas refletia o poderio econômico e militar desses impérios, mas também reforçava uma narrativa eurocêntrica de superioridade cultural. Ao apropriar-se de objetos culturais de outras sociedades, os museus europeus contribuíram para a construção de uma ideologia que posicionava a Europa como o centro do saber e da civilização. Essa prática não apenas consolidava o domínio imperial sobre os territórios colonizados, mas também reforçava o papel dos museus como agentes de construção e perpetuação de identidades hegemônicas.

Além de serem espaços de preservação e exibição, os museus desempenham um papel central na construção da identidade nacional. Hall (2005) argumenta que a identidade cultural é moldada por representações simbólicas que incluem a história e o patrimônio exibidos em museus. No Brasil, após a independência, os museus foram fundamentais para a criação de uma narrativa nacional que exaltava o passado imperial e as figuras históricas que colaboraram para a formação da nação, como destaca Sily (2012). Rússio (1974) complementa que, na busca por

educar e moldar o cidadão, os museus brasileiros passaram a ser utilizados como ferramentas para a construção de uma identidade que unisse a população em torno de símbolos e histórias comuns, contribuindo para a coesão social no país pós-independência.

O caráter educativo nas instituições museal

A criação dos museus pode ser entendida como um processo educativo. Desde sua origem, os museus têm o propósito de transmitir informações e preservar registros históricos. Guardar o passado, exibir relatos e evitar o esquecimento são funções essenciais dessas instituições. Segundo a UNESCO (2012), os museus são organizados para preservar e exibir objetos de interesse cultural, histórico, científico e artístico, o que amplia o entendimento de que a educação não se restringe à sala de aula (Sily, 2012). Espaços diferenciados e abordagens variadas são fundamentais para processos educativos mais abrangentes.

A Comuna de Paris, em 1871, marcou uma nova fase na integração entre arte, cultura e educação, reforçando a importância dessas áreas na formação humana. No entanto, foi somente em 1917, durante a Revolução Russa, que os museus e bibliotecas foram abertos para o público em geral, com o objetivo de viabilizar o conhecimento intelectual e político da sociedade. Porém, como observa Sily (2012), o papel educativo dos museus nem sempre é neutro, pois muitas vezes reflete os interesses do Estado e suas diversas esferas de atuação.

Essa associação entre museus e educação já existia no século XIX, quando práticas educativas em museus começaram a se consolidar tanto na América quanto na Europa. Como aponta Sily (2012), essas práticas foram influenciadas pelo movimento iluminista, que buscava disseminar conhecimento e promover o progresso social. Ao longo do tempo, os gestores e curadores de museus enfrentaram desafios para equilibrar a contemplação, o engrandecimento pessoal e as visões de progresso e civilização (Valente, 2003).

A Segunda Guerra Mundial intensificou essas preocupações, especialmente com o surgimento do conceito de "Terceiro Mundo", que motivou uma reorganização cultural e educacional. Hall (2005) ressalta que as identidades culturais, outrora fixas, tornaram-se voláteis e multiplicadas, o que reforçou a importância de instituições como os museus para moldar identidades críticas. Essa nova dinâmica permitiu que os museus atuassem de forma mais ativa no processo educativo, adaptando-se às mudanças sociais.

No campo da museologia, essas transformações foram significativas, culminando na Nova Museologia, que enfatizou a importância das questões sociais e da interdisciplinaridade. De acordo com Rússio (1974), essa corrente desafiou o papel tradicional dos museus, propondo uma nova abordagem que visava integrar os museus de maneira mais ampla à educação formal

e não formal. Essa mudança refletiu o desejo de tornar os museus espaços mais dinâmicos e acessíveis a todos.

No Brasil, o Museu Nacional, inaugurado em 1818, foi pioneiro no uso de museus como centros de estudo e ciência. De acordo com Sily (2012), o Museu Nacional promoveu a introdução de estudos naturais e se destacou por suas conferências públicas e exposições. Ao longo do século XIX, esses espaços passaram a ser vistos como locais de difusão do conhecimento científico, promovendo debates sobre o papel educativo que os museus poderiam desempenhar na sociedade brasileira em transformação.

Com o advento da República e o fim da escravidão no Brasil, os museus ganharam ainda mais relevância, ampliando seu papel como instituições educacionais. Valente (2003) afirma que os acervos dos museus começaram a se popularizar, atraindo novos públicos e reconhecendo sua função educativa. A partir desse momento, os museus passaram a ser vistos como locais de instrução pública, deixando de ser apenas gabinetes privados para se tornarem espaços acessíveis e de relevância social mais ampla.

Durante o Seminário do Museu da Casa Brasileira, em 1974 Rússio indica em um de seus textos:

Parece-me que o ponto nodal de todas as discussões é um só: se a educação é um processo contínuo de humanização, como utilizar o museu dentro desse processo? Como ensinar a criança, o adulto, o cientista e o iletrado a lerem na peça exposta o momento histórico, social, artístico e humanístico que ela representa e ela é? (RÚSSIO, 2010, p.54).

Com a ideia de processo de humanização na educação, é possível destacar as contribuições de Paulo Freire, que enfatiza a importância de uma educação inclusiva para todos. Freire (1969) defende que a educação deve permitir que o indivíduo leia o mundo ao seu redor, indo além dos textos escritos e conectando-se com a realidade ao seu redor. Nesse contexto, os museus podem ser vistos como instrumentos poderosos de educação, pois oferecem aos visitantes a oportunidade de ler e interpretar o mundo por meio de seus artefatos. A leitura do objeto museológico não é apenas uma observação passiva, mas um processo ativo de interação crítica com o conhecimento. Assim, a educação museológica pode ser uma ferramenta eficaz para promover a conscientização e a reflexão crítica, conectando o aprendizado escolar com o cotidiano. Freire sugere que esse tipo de abordagem contribui para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

Práticas educativas do ambiente

A educação não se restringe à sala de aula, e a construção do conhecimento deve ir além dos ambientes escolares. Espaços como museus, entre outros, desempenham um papel fundamental na formação do indivíduo. Segundo Moura (2005) e Asensio e Pol (2003), as práticas educativas podem ser divididas em três categorias: formal, informal e não formal. Todas elas são essenciais para a formação integral do sujeito. A educação não formal ocorre em locais que promovem a fruição cultural e o desenvolvimento de habilidades, sem a necessidade de um ambiente de ensino formal, conforme discutido por Sily (2012). Já a educação informal acontece no contexto familiar, enquanto a educação formal é restrita às instituições de ensino.

Quando olhamos para a prática educativa em museus, ela pode ser classificada como educação não formal. Esses espaços permitem a investigação cultural, questionamento e problematização sobre diferentes períodos históricos, conectando o passado ao presente. Como aponta Rússio (1974), os museus proporcionam uma comunicação ativa entre o público e os objetos culturais, permitindo uma interação rica e significativa. Ao promover esse tipo de abordagem, os museus atuam de forma complementar à educação formal, abrindo novas possibilidades para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo entre os visitantes.

Valente (2003) afirma que os museus desempenham um papel vital na educação, proporcionando novas perspectivas que vão além das abordagens convencionais. Ao promover a interação entre cultura e educação, esses espaços criam oportunidades para o surgimento de valores sociais e culturais. Além disso, eles também desempenham um papel crucial na aceitação da diversidade e na promoção de uma educação que valoriza a diferença. Dessa forma, os museus contribuem para a construção de uma sociedade mais inclusiva, onde as diversas formas de conhecimento são valorizadas e integradas ao processo educativo.

Conforme Freire (1969) sugere, a educação deve ser um processo de humanização que emancipa o indivíduo, permitindo que ele se conecte com o mundo ao seu redor. Nesse contexto, os museus oferecem uma experiência única de educação, ao possibilitarem uma "leitura do mundo" por meio da observação crítica dos objetos culturais. Essa leitura é essencial para a formação de indivíduos mais conscientes de seu papel social e cultural. Ao extrapolar os limites da educação formal, os museus permitem que os pedagogos ocupem diferentes espaços, nos quais podem exercer um papel importante na construção de uma educação mais plural e inclusiva.

Metodologias de aproximação entre sala de aula e museu

A experiência de visitar um museu pode ser entendida como uma jornada multidimensional, combinando aspectos educacionais, sensoriais, emocionais e até sociais. Ao pensar no trajeto, desde a preparação até a saída à campo, várias etapas e elementos são importantes.

Antes da visita, as expectativas são formadas, o visitante leva consigo a curiosidade pelo novo, a pesquisa sobre o acervo, exposições em destaque e informações práticas, essa preparação já cria uma abertura em relação ao que será vivenciado.

A visitação

Antes de chegar ao destino, a locomoção já possibilita uma experiência educacional e cultural. O trajeto envolve mais do que um transporte físico, cria também uma oportunidade de engajamento prévio, socialização e até mesmo a preparação para a vivência que está por vir.

Durante o deslocamento, o tempo no ônibus oferece uma oportunidade para os alunos interagirem de forma mais descontraída e podem ser introduzidos ao que vão ver no museu, através de uma pequena explicação dos professores, uma discussão prévia sobre o contexto histórico, artístico ou científico da visita e ou até mesmo com materiais distribuídos, como guias ou folhetos. A utilização desse tempo para realizar atividades leves é o que ativa o interesse dos estudantes e ajuda na familiarização com o tema. Nesse período, é importante aproveitar para começar a moldar as expectativas e despertar curiosidade sobre o que será explorado.

O simples fato de mudar a rotina escolar, já traz uma ideia de aventura e descoberta, gerando empolgação e expectativa, reforçando o sentido de algo especial e educativo.

Chegando ao destino, o ambiente físico, sua arquitetura e disposição espacial impactam o aluno. A recepção, as sinalizações, as regras e o layout do local contribuem para criar uma primeira impressão. Museus mais imersivos ou com edifícios icônicos como por exemplo o Museu Nacional da República localizado em nossa capital, já proporcionam uma experiência sensorial inicial.

Habitualmente, o trajeto dentro do museu costuma ser não-linear, o que permite uma exploração mais livre. Esse percurso pode ser guiado por interesse pessoal ou por meio de mediação cultural, as sinalizações internas ou pela lógica curatorial das exposições.

As exposições variam de acordo com o autor, podendo mudar seu formato, peças e experiências interativas. A interação com as obras também pode ser ligada ao emocional, evocando

memórias, reflexões e novas percepções. Os museus modernos tendem a incluir tecnologias, como audioguias, aplicativos e até realidade aumentada, o que enriquece a experiência e a torna mais engajadora.

A perspectiva educacional dos museus é clara, as exposições não são apenas objetos ou obras, elas trazem consigo uma história, ensinamentos históricos, científicos, artísticos e/ou culturais, dimensões sensoriais (cores, sons e formas) e emocional. Obras de arte e artefatos podem provocar sentimentos variados, desde contemplação até a inquietação.

Durante todo o percurso, o estudante faz conexões entre as exposições e sua própria experiência de vida, podendo ser relacionada com uma experiência social, resultando em troca de ideias, conversas e discussões que ampliam a compreensão de diferentes pontos de vista.

Por se tratar de uma jornada intensa intelectualmente e emocionalmente é comum ter a presença de jardins, cafés e até mesmo área de descanso para os visitantes, podendo ser realizado uma pausa/lanche liberando um momento de reflexão sobre o que já foi visto e discutido para continuar e encerrar a visita.

É chegado ao fim a saída à campo, ao sair do museu o aluno leva dentro de si, suas novas percepções, informações e inspirações. A experiência pode ter efeitos duradouros, inspirando novas ideias, comportamentos e interesses. Para muitos, a visita ao museu serve como ponto de partida para leituras e investigações mais profundas sobre temas específicos.

Mediação cultural

A mediação cultural, no contexto de museus desempenha um papel fundamental na interação entre o público e o acervo, transformando a simples visita em uma experiência educativa e culturalmente enriquecedora. A jornada pelo museu pode ser intensa, tanto intelectual quanto emocionalmente o mediador cultural, ou educador de museu é o profissional responsável por facilitar esse processo, atuando como ponte entre as obras, objetos e os visitantes conforme o tipo de acervo e exposição. O ritmo do percurso é conduzido por vários fatores, como iluminação, materiais expositivos e os espaços de transição entre salas e ambientes. O trajeto a ser percorrido dentro do museu é frequentemente projetado de maneira a induzir o visitante a fazer pequenas pausas e contemplar algumas peças com mais profundidade.

A mediação vai além da mera transmissão de informações, trata-se de criar um diálogo ativo e reflexivo que permite ao público não apenas compreender o conteúdo exposto, mas também estabelecer relações pessoais e subjetivas com ele. O mediador pode provocar a sensação de

percepção de tempo distorcida. Levando o aluno a uma viagem temporal, atravessando diferentes períodos históricos ou imergindo em uma cultura distante. A justaposição das peças e obras antigas e contemporâneas oferecem uma reflexão sobre continuidade ou ruptura de tradições e conhecimentos ao longo dos anos.

O mediador cultural exerce a função de aproximar o público ao acervo, estimulando o questionamento e à reflexão, induzindo a curiosidade dos alunos, incrementando questionamentos e promovendo o pensamento crítico, o diálogo interativo, promoção da inclusão cultural, criação de experiências significativas e mediação interdisciplinar.

Curadoria e narrativa

A curadoria de uma exposição é um elemento crucial na experiência do visitante. O curador não apenas seleciona os objetos ou obras, mas também define uma narrativa que guia a experiência do público podendo ser cronológica, temática ou estilística, mas em todos os casos ele molda a forma como o acervo é interpretado.

A disposição entre as peças, cria um diálogo visual e conceitual que permite ao aluno, estabelecer conexões entre diferentes obras, épocas e estilos. Como por exemplo, as obras da arte moderna podem ser relacionadas com as artes clássicas para realçar diferenças e semelhanças.

Na volta à aula

O retorno ao ambiente escolar é uma oportunidade de consolidar a aprendizagem, será através de atividades propostas pelo professor que o aproveitamento da visita será consolidado com atividades que ajudam a consolidar a experiência da visita e permitem que os alunos explorem o conteúdo de maneiras criativas e interativas. A saída à campo muitas vezes está interligada a uma disciplina específica ou a um projeto escolar, o objetivo então é que o museu se torne extensão da escola, espaço onde pulsa a vida, que se torne atraente, poética ou produtora artística, criadora de outras visualidades. Barone e Eisner sustentam que "a arte nos faz empregar nossas formas mais sutis de percepção e contribui para o desenvolvimento de algumas de nossas mais complexas habilidades cognitivas" (1998, p. 90). A ideia principal é abandonar a dialética modernista, que opõe teoria e prática e sim, somá-las incentivando a imaginação do prazer e da criatividade, o que também é sustentado por Eisner:

Nenhuma análise da arte ou justificativa de seu papel seria adequada se negligenciar os prazeres da arte em si. A arte tem a capacidade mágica de mandar-nos à lua. Como um foguete, pode fazer nossos corações baterem mais rápido, pode fazer-nos chorar, pode criar um sentimento, um ímpeto que é sua própria recompensa. (EISNER, 2013, p.71).

Entre as principais propostas de metodologias, podemos destacar: discussões em sala de aula, promovendo uma discussão produtiva sobre as observações da visita, relatórios de observação, projetos interdisciplinares, desenvolvendo atividades que integrem diferentes áreas do conhecimento abordadas no museu, debates temáticos e atividades artísticas podendo englobar a a/r/tografia. Isso estimula a aplicação prática e o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos.

A a/r/tografia é uma pedagogia em construção que se nutre justamente de sua abertura para novas ideias e construções que podem ser incorporadas às práticas pedagógicas já existentes, como a construção coletiva, em projeto político e pedagógico.

A a/r/tografia proporciona aos professores uma ferramenta de trabalho poderosa que aporta resultados mais significativos e duradouros introduzindo nos procedimentos metodológicos de investigação científica a arte como elemento importante de representação. Em busca de uma educação mais livre, criativa e significativa, reunindo conceitos de teorias, prática e poética. Tornando possível uma educação sensível, que utiliza a estética e sua potência transformadora da realidade.

Não se restringindo apenas à Arte, podendo ser Filosofia da Educação, pois reconhece a poética intrometida na educação que considera a sensibilidade poética e o afeto na sala de aula, uma vez que contribui para a compreensão e a ampliação do conhecimento de todas as áreas criando uma proximidade ou aproximando subjetividades poéticas de teorias e práticas pedagógicas, considerando a vida em andamento como um proceder criativo em experimentação, aberto para construção. Se situando em diversos espaços, onde não estamos em um lugar, nem em outro, mas nos situamos na interseção entre um e outro espaço/tempo. Essa maneira criativa de conduzir o processo não são meras ilustrações, mas sim respostas aos problemas levantados.

Trata-se de uma pesquisa viva, apoiando-se na pesquisa-ação, um estudo dinâmico e colaborativo, onde abre espaço para um diálogo, que enfrenta negociações de significados e tensão nas interação constante com outros conhecimentos. Usando como recurso metodológico as figuras de linguagem: metáfora e metonímia que “abrem possibilidades para a criação de

significados e relações entretecidas” (IRWIN, 2013, p.148). Esse procedimento metodológico permite mudanças de direcionamento e ecos transitórios do significado.

Essa prática artística torna-se então, um amparo para o professor em sua vontade de transformação da educação, não sendo uma poética que é confundida com a prática pedagógica e sim a prática pedagógica tornando-se uma política a prática artística na escola.

Museus como Espaços de Inclusão e Exclusão

Os museus, como espaços de preservação cultural e educação, desempenham um papel crucial na inclusão e exclusão social. Segundo Sily (2012), a acessibilidade física e intelectual dos museus é um fator determinante para a inclusão de diferentes públicos, especialmente aqueles historicamente marginalizados. Contudo, muitos museus ainda não oferecem plena acessibilidade, limitando o acesso de pessoas com deficiência ou com dificuldades cognitivas. Essa exclusão física e intelectual perpetua desigualdades, uma vez que impede que parte significativa da população tenha contato com o patrimônio cultural e educacional que os museus oferecem.

Além das barreiras de acessibilidade, há uma crítica crescente sobre como os museus podem perpetuar narrativas hegemônicas e eurocêntricas. Valente (2003) argumenta que, historicamente, muitos museus ocidentais construíram seus acervos com base em conquistas coloniais, apresentando culturas não europeias de maneira exótica ou subalterna. Isso reforça uma visão unilateral da história e das culturas, que privilegia a Europa e os Estados Unidos como os grandes centros de conhecimento e poder. Para combater essa narrativa, Rússio (1974) sugere que os museus devem reavaliar suas práticas curatoriais e incluir perspectivas diversas, abrindo espaço para vozes das culturas representadas e promovendo uma visão mais plural da história.

Por outro lado, há museus que buscam promover a diversidade cultural e adotar curadorias colaborativas, permitindo que diferentes grupos participem da construção das narrativas exibidas. Freire (1969) destaca a importância da educação na humanização, um processo que se estende aos museus quando estes permitem que seus visitantes, independentemente de origem social ou cultural, se vejam representados nas exposições. Museus que adotam práticas inclusivas contribuem para o desenvolvimento de uma cidadania mais crítica e consciente. Essas iniciativas não só ampliam o alcance educativo dos museus, mas também os tornam espaços dinâmicos de transformação social e valorização da diversidade cultural.

Educação Museológica e Tecnologias

A integração das tecnologias no campo da educação museológica tem transformado profundamente a forma como os museus se conectam com o público e promovem o aprendizado. Ferramentas digitais como realidade virtual, realidade aumentada e tours online permitem que os visitantes interajam com as exposições de maneira imersiva, tornando a experiência mais atrativa e acessível. Sily (2012) aponta que a digitalização dos acervos é uma das inovações mais impactantes, pois amplia as possibilidades de preservação de peças históricas e científicas, permitindo que elas sejam acessadas por pesquisadores e visitantes de todo o mundo. Além disso, essa preservação digital garante que as futuras gerações possam estudar e compreender o valor desses artefatos, contribuindo para a perpetuação do conhecimento.

A criação de museus virtuais tem sido outra inovação significativa que promove a democratização do acesso ao conhecimento. Valente (2003) destaca que essas plataformas digitais possibilitam que pessoas de diferentes regiões do mundo, inclusive aquelas que vivem em áreas remotas ou em países em desenvolvimento, possam visitar instituições renomadas, como o Louvre ou o Museu Britânico, sem precisar se deslocar fisicamente. Isso elimina barreiras geográficas e financeiras, permitindo que o público tenha acesso a coleções valiosas, muitas vezes inacessíveis para grande parte da população. Dessa forma, os museus virtuais oferecem uma solução eficaz para o problema da exclusão cultural, promovendo o acesso ao patrimônio histórico e artístico de forma mais equitativa.

Além de proporcionar acessibilidade, as tecnologias nos museus desempenham um papel fundamental na criação de novas narrativas e diálogos culturais. Hall (2005) ressalta que a digitalização dos acervos e o uso de tecnologias interativas permitem que diferentes grupos culturais se apropriem das instituições museológicas, reconfigurando a forma como as histórias são contadas. Isso se torna especialmente importante em um mundo globalizado, onde a diversidade cultural deve ser valorizada e representada de forma justa. Através da tecnologia, os museus podem dar voz a grupos historicamente marginalizados, promovendo uma visão mais plural da história e da cultura, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva.

No entanto, o uso de tecnologias na educação museológica não deve se limitar à mera exibição digital de peças. Para Freire (1969), a educação deve ser um processo emancipatório, no qual o indivíduo é incentivado a refletir criticamente sobre o mundo ao seu redor. Nesse sentido, as ferramentas tecnológicas devem ser utilizadas de forma a promover essa reflexão crítica, conectando o visitante com o contexto histórico e social dos artefatos apresentados. Ao proporcionar uma experiência interativa e imersiva, as tecnologias podem facilitar o

desenvolvimento de uma compreensão mais profunda dos temas abordados nas exposições, criando uma conexão significativa entre o conhecimento e a realidade vivida pelo visitante.

A utilização dessas tecnologias também potencializa o papel dos museus na educação informal e não formal. Rússio (1974) argumenta que, com o uso de ferramentas como a realidade aumentada e a gamificação, os museus podem se tornar espaços ainda mais dinâmicos de aprendizado, incentivando a curiosidade e o engajamento do público. Ao transformar as visitas em experiências participativas, essas tecnologias criam um ambiente de aprendizado ativo, onde o visitante é convidado a explorar e construir conhecimento de maneira autônoma. Isso fortalece o papel dos museus como espaços educativos que vão além da educação formal, permitindo que o aprendizado ocorra de maneira mais lúdica e acessível.

Por fim, a introdução de tecnologias nas práticas museológicas amplia as possibilidades de interação entre o público e as exposições, mas também levanta novos desafios. A implementação de recursos tecnológicos requer investimentos significativos, bem como o treinamento adequado das equipes para lidar com essas novas ferramentas. Além disso, é importante garantir que o uso de tecnologias não substitua a importância da interação humana e do contato direto com os artefatos culturais. Assim, os museus devem buscar um equilíbrio entre o uso de tecnologias e a preservação de seus princípios educativos fundamentais, assegurando que essas inovações complementem, em vez de substituir, as práticas tradicionais de ensino e mediação cultural.

Museologia Crítica e Nova Museologia

A museologia crítica surge como um campo de reflexão e ação que busca enfrentar questões históricas e contemporâneas, especialmente no que diz respeito ao colonialismo e à representação cultural. Essa corrente questiona as narrativas tradicionais construídas pelos museus, muitas vezes centradas em visões eurocêntricas que perpetuam a marginalização de culturas não ocidentais. Segundo Valente (2012), a museologia crítica desafia essa perspectiva dominante, promovendo novas narrativas que incluem as vozes de grupos historicamente excluídos, como povos indígenas e afrodescendentes. Ao revisitar essas histórias sob novas óticas, os museus se tornam ferramentas importantes para a construção de uma memória mais plural e democrática, abrindo espaço para uma interpretação mais justa da história e das culturas.

No Brasil, a museologia crítica tem ganhado relevância nas práticas educativas de museus, especialmente naqueles que se dedicam ao resgate da memória coletiva e à inclusão social. Conforme destaca Sily (2012), os museus brasileiros têm se tornado espaços de debate

crítico, possibilitando que diferentes comunidades reflitam sobre sua história e seu papel na sociedade contemporânea. Essas instituições, ao dar voz a populações marginalizadas, assumem um papel transformador, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e preconceitos que ainda persistem na sociedade. A museologia crítica, portanto, não apenas reavalia o passado, mas também cria as condições para um futuro mais inclusivo e equitativo.

A Nova Museologia, por sua vez, é um movimento que se desenvolveu nas últimas décadas e enfatiza a importância das questões sociais no contexto museológico. Diferente da museologia tradicional, que focava principalmente na preservação e exibição de objetos, a Nova Museologia valoriza a interação entre o museu e a sociedade. Freire (1969) argumenta que a educação deve ser um processo humanizador e emancipador, uma ideia que está no cerne da Nova Museologia. Os museus são vistos como agentes ativos de transformação social, promovendo não apenas a educação formal, mas também o diálogo sobre temas contemporâneos, como desigualdade, direitos humanos e justiça social, criando assim um espaço para a conscientização crítica e a ação coletiva.

De acordo com Rússio (1974), a Nova Museologia também destaca a importância da interdisciplinaridade. Os museus modernos precisam se adaptar às expectativas do mundo contemporâneo, conectando diferentes áreas do conhecimento e proporcionando uma educação crítica e participativa. As exposições não são mais entendidas como simples mostras de artefatos, mas como pontos de partida para discussões mais amplas sobre a sociedade e o mundo ao redor. Essa abordagem interdisciplinar permite que os visitantes desenvolvam uma compreensão mais profunda e holística dos temas apresentados, reforçando a importância dos museus como espaços de aprendizagem contínua e crítica.

No Brasil, o papel da Nova Museologia tem sido crucial para a reestruturação dos museus como espaços de reflexão e ação social. Sily (2012) ressalta que, entre 1818 e 1935, o Museu Nacional já realizava ações educativas que integravam o conhecimento científico com a participação do público. Essas iniciativas foram pioneiras em um modelo que viria a ser ampliado pela Nova Museologia, promovendo uma maior interação entre o público e as exposições, e incentivando a participação ativa dos visitantes no processo de construção do conhecimento. Esse modelo inspira práticas museológicas contemporâneas, que buscam engajar o público de maneira mais direta e significativa.

Por fim, como observa Hall (2005), no contexto da pós-modernidade, os museus precisam reavaliar suas abordagens para atender às demandas de um público cada vez mais diversificado e culturalmente plural. Esse processo de reavaliação implica não apenas a mudança das exposições, mas também a criação de programas educativos que dialoguem com

as realidades contemporâneas. Assim, os museus brasileiros enfrentam o desafio de se consolidarem como plataformas de diálogo intercultural, capazes de promover a transformação social. A Nova Museologia, ao conectar o passado e o presente, possibilita que os museus se tornem agentes de mudança, ampliando sua relevância tanto no campo educacional quanto no social.

Educação e Museus Contemporâneos

As práticas contemporâneas de educação museológica buscam romper com a visão tradicional de museus como meros expositores de artefatos, transformando-os em espaços dinâmicos de aprendizado. Segundo Valente (2012), a conquista do caráter público dos museus está diretamente ligada à sua função educativa, que deve dialogar com as necessidades da sociedade atual. Nesse sentido, práticas museológicas contemporâneas se voltam para a inclusão de diferentes públicos e para a construção de um ambiente participativo, onde o conhecimento é compartilhado e construído coletivamente, ampliando a interação entre museu e visitante.

Uma das principais estratégias contemporâneas para engajamento de públicos diversos, especialmente jovens, é a utilização de abordagens que promovam a interatividade e o diálogo. Freire (1969) enfatiza que a educação deve ser um processo dialógico e transformador, e essa filosofia é aplicada nas atividades educativas dos museus atuais. As visitas guiadas, por exemplo, têm se tornado experiências mais interativas, incentivando os participantes a questionarem e refletirem sobre o que observam. Sily (2012) reforça a importância de desenvolver atividades que instiguem a curiosidade e a reflexão crítica, elementos fundamentais para atrair jovens públicos.

O uso de metodologias ativas em visitas guiadas e oficinas tem se mostrado eficaz para promover um aprendizado mais significativo. Rússio (1974) já apontava que os museus deveriam se adaptar às expectativas do público contemporâneo, o que hoje se traduz no uso de ferramentas tecnológicas e metodologias participativas, como jogos educativos e oficinas práticas. Essas estratégias permitem que os visitantes se tornem agentes ativos no processo de aprendizagem, em vez de receptores passivos de informações. Stuart Hall (2005) destaca a importância dessa interatividade, especialmente no contexto da pós-modernidade, onde a construção de identidades culturais é constantemente negociada em espaços como os museus.

Legislação e Políticas Públicas para Museus

As políticas públicas e a legislação voltadas para os museus no Brasil têm desempenhado um papel crucial na consolidação desses espaços como instituições educativas e de preservação cultural. O Estatuto dos Museus, instituído em 2009, é uma das principais legislações que regulamenta o funcionamento dos museus no país, estabelecendo diretrizes sobre sua gestão, proteção e promoção. Valente (2012) destaca que a conquista do caráter público dos museus está intrinsecamente ligada ao fortalecimento dessas políticas, que garantem o acesso da população ao patrimônio cultural e científico. Nesse sentido, a legislação promove não só a preservação dos acervos, mas também a inclusão social e a democratização do conhecimento.

Além da legislação, os incentivos culturais são fundamentais para a manutenção e desenvolvimento das atividades museológicas. Programas como a Lei Rouanet e o Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC) oferecem mecanismos para o financiamento de projetos que buscam promover a acessibilidade e inclusão nos museus. Freire (1969) ressalta a importância da educação como processo de humanização, e essas iniciativas contribuem para que os museus se tornem espaços mais inclusivos, onde diferentes grupos sociais possam se sentir representados e acolhidos. Esses incentivos permitem que os museus criem ações educativas e culturais que atendam a um público diverso, rompendo com barreiras sociais e econômicas.

A promoção da acessibilidade e inclusão nos museus também está alinhada com o conceito de museologia contemporânea defendido por Rússio (1974), que enfatiza a necessidade de adaptação dos museus às demandas da sociedade atual. Sily (2012) reforça que as ações educativas dos museus, como as implementadas pelo Museu Nacional, devem estar voltadas para o engajamento de públicos historicamente marginalizados. Nesse contexto, políticas públicas que incentivam a inclusão de pessoas com deficiência, minorias étnicas e comunidades em vulnerabilidade social têm sido essenciais para que os museus cumpram seu papel de agentes de transformação social, possibilitando uma maior participação e interação da sociedade com o patrimônio cultural.

Conclusão

Este trabalho demonstrou que os museus exercem uma função educativa que transcende a simples exibição de objetos históricos ou artísticos. Eles se constituem como espaços dinâmicos de aprendizado, nos quais a interação direta com os artefatos culturais promove uma reflexão crítica e interdisciplinar. Ao conectar diferentes áreas do conhecimento, os museus proporcionam aos visitantes uma compreensão mais profunda dos contextos sociais, políticos

e culturais em que esses objetos foram criados. Através dessa interação, os visitantes não apenas observam, mas também são convidados a interpretar o passado de maneira ativa, construindo novas percepções que dialogam com o presente. Como apontado por Sily (2012), os museus são mais do que meros repositórios de memória; são instituições vivas, onde o saber é continuamente construído e reinterpretado, incentivando o desenvolvimento de um pensamento crítico e reflexivo.

A implementação de práticas pedagógicas que utilizam metodologias ativas, pode tornar o aprendizado mais envolvente e personalizado, permitindo que os estudantes absorvam o conteúdo de maneira significativa. Contudo, essa adaptação requer um esforço consciente dos professores para revisar suas abordagens e garantir que esse procedimento metodológico permita mudanças de direcionamento e ecos transitórios do significado.

Para alcançar esse objetivo, é necessário que o preparo do professor seja afetado, trazendo para ele uma experiência e ideias para construir projetos inovadores, criando uma rede que valorize o aprendizado não formal e que reconheça a importância dos museus como espaços educativos.

Além disso, a educação museológica não se limita à simples transmissão de conhecimento, mas envolve a formação integral do indivíduo. Ao permitir que os visitantes se tornem agentes ativos no processo de aprendizagem, os museus contribuem para o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e emocionais, criando um ambiente propício para a investigação, a curiosidade e o questionamento crítico. Essas características são fundamentais em uma sociedade marcada pela diversidade de informações e opiniões. Ao complementar a educação formal, os museus oferecem uma oportunidade única de explorar o conhecimento de forma prática e interativa, reforçando a importância de um aprendizado contínuo e adaptado às necessidades individuais de cada visitante.

No entanto, o futuro da educação museológica dependerá da superação de desafios, é necessário fortalecer o papel dos museus como agentes de transformação social, promovendo práticas que valorizem a diversidade cultural e histórica e que representem de maneira justa as múltiplas vozes da sociedade. A democratização do acesso aos museus ainda é uma questão a ser resolvida, especialmente em regiões menos favorecidas, onde o contato com esses espaços culturais é limitado. A expansão das iniciativas museológicas para comunidades periféricas e a criação de parcerias com escolas públicas são passos fundamentais para garantir que os benefícios educacionais dos museus alcancem um público cada vez maior.

Por fim, ao reforçar a importância dos museus como espaços educativos dinâmicos, este trabalho conclui que essas instituições são essenciais para a promoção de uma educação mais

aberta, inclusiva e plural. Ao transformarem os visitantes em agentes ativos no processo de aprendizagem, os museus contribuem de maneira significativa para o desenvolvimento de uma sociedade mais crítica e engajada. Eles oferecem ferramentas para que os indivíduos desenvolvam suas habilidades cognitivas, sociais e emocionais, atuem de forma consciente e responsável e desempenhem um papel ativo na construção de um futuro mais justo. O potencial dos museus como espaços de transformação e inclusão é imenso, e sua contribuição para a educação e a formação de cidadãos críticos continuará a ser essencial no mundo contemporâneo.

Referências

- FREIRE, Paulo. **O papel da educação na humanização**. Revista Paz e Terra, São Paulo, ano IV, n. 9, p. 123-132, 1969.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- RÚSSIO, Waldisa Camargo. **Museu: uma organização em face das expectativas do mundo atual**. In: BRUNO, Cristina Oliveira. Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. 1974.
- SILY, P. R. M. **Casa de ciência, casa de educação: ações educativas do Museu Nacional (1818-1935)**. 2012. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- VALENTE, M. E. A conquista do caráter público do museu. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. (Orgs.). **Educação e Museu: A construção social do caráter educativo dos museus de ciências**. Rio de Janeiro: Access Editora, 2005, p. 127-147.
- A poética intrometida na educação: a/r/tografia**. Revista 56: arte, educação e performance. Fundação Municipal de Artes de Montenegro. Número 56. P 1-20. 2023.
- IRWIN, Rita. **A/r/tografia**. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Orgs.) Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.
- BARONE, T.; EISNER, E. W. **Arts based educational research**. In: JUDITH L.G. (Org.) Handbook of complementary methods in educational research. New York: Routledge, 2006. P. 95 – 106.
- EISNER, Eliot. **El Ojo Ilustrado: Indagación cualitativa y mejora de la práctica educativa**. Barcelona: Paidós, 1998.
- EISNER, Eliot. **Estrutura e mágica no ensino da Arte**. In ANA MAE BARBOSA (Org.). Arte-educação: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 2013.
- CELESTE, Mirian. **Formação de educadores: modos de pensar e provocar encontros com a arte e mediação cultural**. São Paulo. Terracota, Série&arte&educação&cultura, 2018.